

De papo com //

17 OUT 2004

CORREIO BRAZILIENSE

FLÁVIA DUARTE // TEXTO
RICARDO B. LABASTIER // FOTO

Heloísa Helena

No plenário do Senado, uma mulher forte e destemida. Em casa, uma mãe preocupada com biscoitos, iogurtes e todo tipo de besteira que crianças gostam. Bem, as crianças já não são tão crianças assim. Um tem 20 e o outro 18 anos. A senadora Heloísa Helena tem fama de brava. E entre os objetos que decoram seu gabinete está uma estátua em gesso de Maria Bonita, mulher do cangaceiro Lampião. Heloísa Helena diz que foi presente de certo amigo, em homenagem ao apelido de Maria Bonita que ganhou dos que conhecem seu gênio forte. Aos

42 anos, ela cumpre o primeiro mandato no Senado Federal, eleita em 1998. O início da carreira dessa alagoana de Pão de Açúcar foi no movimento estudantil. Em 1992, foi eleita vice-prefeita de Maceió e, em 1994, deputada estadual. É professora de epidemiologia da Universidade Federal de Alagoas. Casada por duas vezes, Heloísa Helena — também conhecida como Lolo — falou à Revista D sobre política, família, roupas, projetos futuros e afirmou que está solteira e não pensa em arrumar um namorado, pelo menos por enquanto.

Revista D — As pessoas têm medo de você?

Heloísa Helena — Todo mundo acha que sou brava. Na verdade sou só um pouquinho (risos). Me considero um poço de ternura, mas evidente que se alguém mexer na minha dignidade como mulher, mãe e militante de esquerda, viro onça, das mais bravas que se podem encontrar por aí a fora.

Revista D — E em casa, você também comanda tudo com pulso de ferro?

Heloísa Helena — Não. Em casa sou uma mãe desmoralizada (risos).

Revista D — Como você encara a maternidade?

Heloísa Helena — Minha primeira gravidez foi por acaso. Tinha 16 ou 17 anos e estava me preparando para fazer parte do movimento de esquerda no Araguaia. Sempre tive muita paciência com criança, por isso achei que seria uma boa mãe. Tenho um filho de 20 anos e outro de 18. O meu mais velho é mais especial que o outro, marcado pela natureza de forma diferenciada. Ainda tenho uma filhotinha que não vive comigo, vive com a mãe dela. Mas é minha filha de leite, que eu amamenteei durante três anos.

Revista D — Você se importa em falar sobre o problema de seu filho mais velho?

Heloísa Helena — Eu acho que isso não tem relevância. Só é relevante falar disso para compartilhar com outras mães que também têm filhos especiais.

Revista D — Como foi viver o atropelamento de um filho?

Heloísa Helena — Foi um terror. Meu caçula foi atropelado há dois anos na W3 Sul. Eu vivencio uma experiência permanente e muito sofrida por causa do meu filho mais velho, claro, mas o choque com o

atropelamento do Ian foi implacável. Para mim, foi uma lição muito especial. Primeiro ele passou por um pronto-socorro e ficou jogado num banco esperando atendimento. Quando resolveram atendê-lo e viram que o caso era grave, chamaram os bombeiros. No Hospital de Base, notei que ele estava com convulsões no corpo todo, mas não tinham medicação para conter a convulsão típica do traumatismo craniano. Ele ficou uma semana em coma e eu não saía de lá. Sou muito rezadeira, né!?

Revista D — Você falou de uma lição...

Heloísa Helena — Eu agradei muito a Deus por nunca ter sido omissa em defender o setor público, um setor que majoritariamente acolhe os filhos da pobreza. Eu sempre briguei muito, lutei muito, durante toda minha vida para que o serviço público fosse de qualidade. E o meu filho acabou vivenciando as deficiências gigantescas desse sistema atual.

Revista D — Você também cuida da casa?

Heloísa Helena — Faço aquilo que me sinto na obrigação de fazer, especialmente limpeza de papéis no escritório e no quarto, porque sei que é uma tarefa muito difícil para qualquer outra pessoa fazer. Mas é claro que no domingo, que é folga, às vezes, vou para a cozinha. Quando meus filhos eram menores fazia bolo de chocolate, cobertura. Agora faço mais não.

Revista D — Dia desses, você foi vista fazendo compras em um supermercado...

Heloísa Helena — Na verdade, minha maior preocupação é com as coisas dos meninos, sempre ligo para saber se tem iogurte, biscoitos, batatinha e esses lixos que as crianças gostam muito. Já material de limpeza devo dizer que sempre escolho pelo cheiro, porque gosto muito de lavanda.

Revista D — Incomoda a preocupação das pessoas com as roupas que você usa?

Heloísa Helena — Não. Sempre andei desse jeito, quando era professora universitária e quando fui deputada estadual. O Senado para mim é meu local de trabalho e me vestir assim é mais cômodo.

Revista D — Alguma vez você se sentiu desrespeitada?

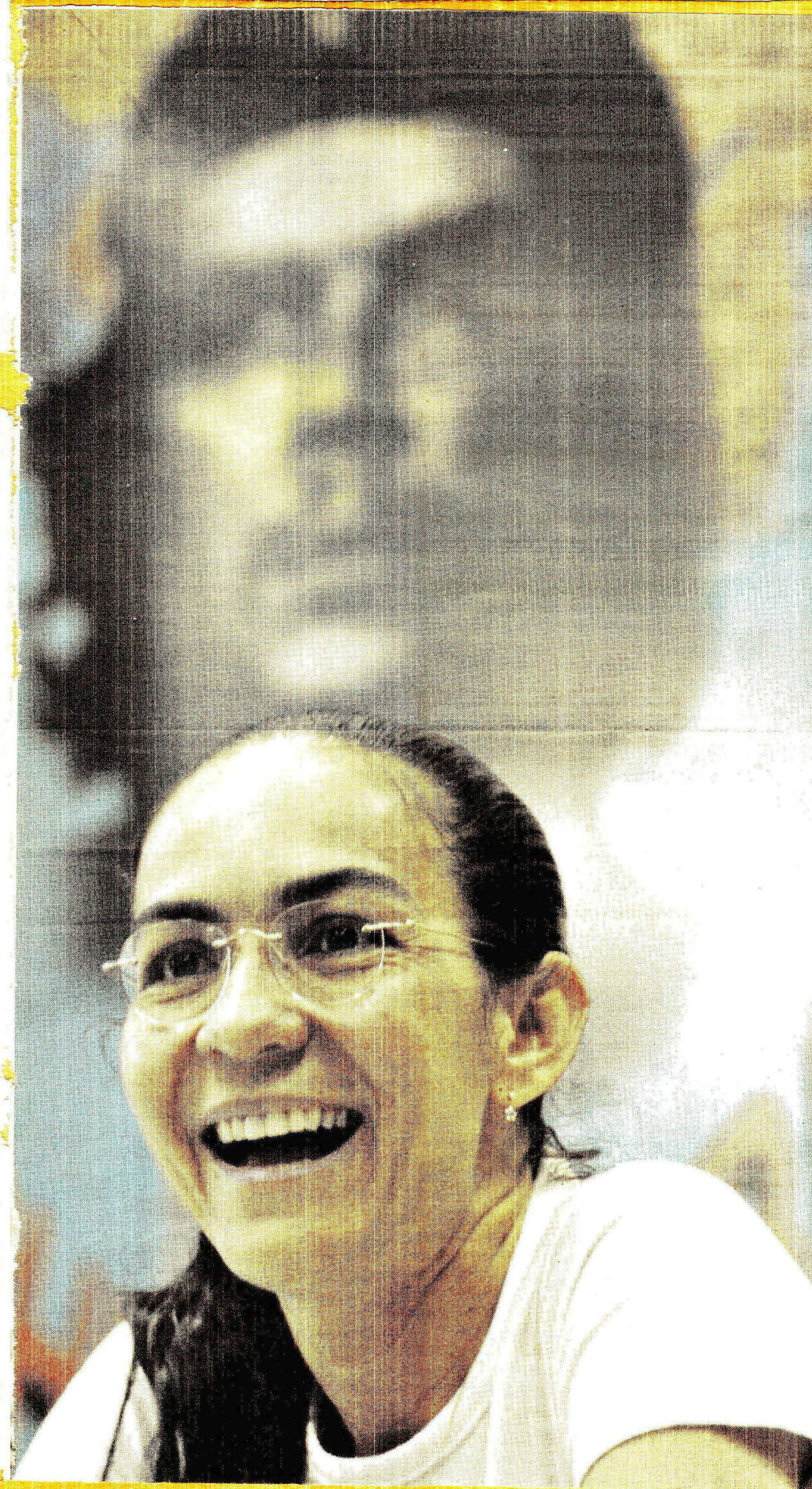
Heloísa Helena — Eu respeito todas as tribos, de quem põe silicone a quem tem o cabelo cor de abóbora ou anda de salto altíssimo. Quero e exijo respeito com a minha forma de viver. Mas me irritou foi a foto em que apareceu a calcinha. Aquilo foi apelativo. Meus inimigos históricos, que nunca conseguiram me dobrar politicamente, se apropriam desses detalhes para tentar me afrontar, porque sabem que para a população isso não influencia em nada.

Revista D — Como você escolhe suas roupas?

Heloísa Helena — Não tenho paciência para ir ao shopping. Eu tenho muitas roupas iguais. Meus amigos bem que tentaram me dar roupa diferente, anos atrás. Mas hoje, dos funcionários aos meus amigos de infância, em todo aniversário ganho *muuuuuu* calças jeans e *muuuuuu* camisas brancas. Vez ou outra alguém me dá um vestidinho e aí dizem que é farda de casamento.

Revista D — Além das blusas brancas e calças jeans, alguma outra preferência?

Heloísa Helena — Gosto muito de sapatinho boneca. Antes, minhas amigas ficavam esperando o inverno chegar para comprar um desses para mim. Dia desses, uma delas, a quem era delegada a função de procurar meus sapatos, me ligou e disse: "Lolo, sinto muito, mas o sapato que você adora agora é moda". Que tragédia! (risos) Mas vai ser bom porque agora vou poder ter um estoque.



Revista D — E o que você costuma fazer quando está de folga?

Heloísa Helena — Eu trabalho muito e quando não estou trabalhando prefiro ficar em casa mesmo, no apartamento funcional em que moro na Asa Sul.

Revista D — Já aprendeu a gostar de Brasília?

Heloísa Helena — Gosto muito de Brasília. Sou uma sertaneja apaixonada por Alagoas, mas acredito que aqui é a nossa segunda casa. Nessa época da seca, que os brasilienses gostam menos, eu amo ver a floração dos ipês. Os rosas e amarelos. Os ipês são da mesma família da planta símbolo do sertão de Alagoas, que é a craibeira. A verdade é que gosto de estudar flor. Eu paro e fico olhando. Acho lindo a chuvinha de flores que fazem aquele tapete no chão. Quando era *piveta* em Alagoas, ficava em baixo das craibeiras para que as flores caíssem na gente.

Revista D — Você costuma ir ao seu estado?

Heloísa Helena — A cada 10 dias vou a Alagoas. Sempre tem algum trabalho para fazer no interior. Eu tinha uma casa alugada em Maceió, mas agora quando vou para lá fico em um apartamento cedido pela minha amiga. Aproveito para visitar minha mãe e meu irmão. Também vou muito para o interior, gosto de mato, de missa de vaqueiro. Lá minha relação é com os pobres. Não tem churrasco na fazenda, mas buchada na casa de um pobre.

Revista D — E o resto de sua família?

Heloísa Helena — Meu pai morreu de câncer quando eu era bebezinha com apenas três meses. O meu irmão mais velho foi assassinado covardemente quando eu tinha 13 anos. E como acontece com todo filho de pobre, até hoje não se achou o autor.

Revista D — A sua expulsão do PT deixou algum rancor?

Heloísa Helena — Não guardo nenhum rancor. Talvez a paixão tenha me cegado ao ponto de eu não ter sido capaz de desvendar os mistérios sujos da alma humana e de ter idealizado algumas pessoas. Eu não me arrependo dos melhores anos da minha vida que dediquei para construir aquele partido. Já cheguei à conclusão de que o partido que me expulsou não foi aquele que ajudei a construir. Sofri demais, voltei a sangrar do estômago, estava no plenário, corria para vomitar, aumentaram muito as minhas crises de asma. Eles levaram muitos momentos da minha vida, a legenda que ajudei a construir. Mas não conseguiram levar o que acho que tenho de melhor, que é o meu coração socialista, minha alma dedicada à causa da liberdade, vergonha na cara e amor no coração.

Revista D — E daqui pra frente?

Heloísa Helena — Hoje só quero dedicar a minha vida para construir um abrigo para a esquerda socialista democrática, a esquerda que não se vende para se lambuzar no banquete farto do poder. Eu sei que daqui a dois anos, talvez, eu tenha que voltar para a universidade, para comer giz em sala de aula, e sei que vou ser recebida com carinho, abraço e bolo de chocolate (risos). ■